

Imagem 95: Imagem do Senhor do Bonfim, padroeiro de Chorrochó – BA.

Autoria: desconhecida, século XIX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

A escultura do Senhor do Bonfim de Chorrochó está acondicionada num oratório executado, no século XIX, para compor o altar-mor (Imagem 95). É uma das últimas peças dessa época, e evidencia em sua ornamentação a tendência escolhida. (Imagem 96).

Concebido em madeira sem policromia, apresenta porta de vidro contendo bordas torneadas. A cornija dessa peça é ligeiramente arqueada e está coroada por dois pares de volutas em “s” que sustentam um globo encimado por uma pequena cruz. Essa tipologia foi adotada, ainda que de forma mais exuberante, em outras igrejas do sertão por onde o Conselheiro andou e missionou. Dentre elas é conveniente citar: altares colaterais e oratórios da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Ouriçangas e oratório do altar-mor da igreja de Santa Tereza de Ribeira do Pombal. (Imagem 97).



Imagem 96: Oratório do altar-mor da igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA.

Autoria: Mestre Feitosa dos Inhamuns e Antônio Conselheiro, século XIX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.



Imagem 97: Oratório da igreja de Santa Tereza da Ribeira do Pombal e de Nossa Senhora da Conceição de Ouriçangas, BA.

Autoria: atribuído ao povo de Antônio Conselheiro, século XIX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

A mesa do altar é datada do mesmo período. Apresentando linhas curvas, contém em seu frontal um florão em forma de cruz que confirma a assinatura dos carpinteiros da comitiva do Antônio Conselheiro.

O desenho do florão é de inspiração popular. Apresenta quatro ramicelos estriados que se ligam a flor central formando os braços e o corpo da cruz. Novamente o numeral quatro é, aí, explorado: quatro ramicelos, quatro divisões dos ramicelos, quatro folhas para o florão central, etc. (Imagem 98).



Imagem 98: Mesa do altar-mor da igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA.
 Autoria: Mestre Feitosa dos Inhamuns e Antônio Conselheiro, século XIX.
 Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Outra peça de valor inestimável para a história desse templo é o oratório e o seu sacrário, que estão situados no altar colateral esquerdo. Nessas peças, a linguagem de repertório popular se filia às influências neoclássicas, possibilitando um diálogo de teor híbrido.

Neles observam-se a presença do frontão triangular, a utilização do arco pleno e de colunas de influência classicizante que se somam aos relevos florais e aos desenhos simplificados dos frisos, da hóstia e do cálix bento. (Imagem 99).



Imagem 99: Oratório e sacrário da igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA.
 Autoria: Mestre Feitosa dos Inhamuns e Antônio Conselheiro, século XIX.
 Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Quem primeiro noticiou acerca da construção da Igreja de Chorrochó, em nível nacional, foi o correspondente do *Jornal do Comércio* enviado a Canudos, em 1897; Manuel Benício. Em sua obra *O Rei dos Jagunços* ele transcreve um ofício enviado pelo delegado do Itapicuru à capital da Bahia, denunciando essas construções.

Em 1902, no livro *Os Sertões*, Euclides da Cunha também abordará sobre essa edificação citando acerca da passagem do beato por essas paragens. A partir da década de 50 do século XX, alguns canudófilos falarão, ainda que de forma sumária, sobre esse templo. Um deles é o historiador José Calasans Brandão da Silva.

Todavia, é importante frisar que nenhum deles cita uma outra obra, da lavra do Antônio Conselheiro presente em Chorrochó: o velho cemitério dedicado ao Senhor do

Bonfim. Localizado fora da cidade, numa distância de mais ou menos um quilômetro, está encravado num espaço de geografias diversas.

A descoberta dessa obra foi feita de maneira casual. No final de 2009, quando nos dirigimos a essa cidade para colhermos material fotográfico e depoimentos de seus habitantes, fomos informados, por um morador, que a alguns metros dali, existia um cemitério construído pelo profeta.

Era tarde, o sol ardia no céu sertanejo, mas mesmo assim, nos deslocamos para o rumo pretendido. O ponto de referência era a estrada que partia dos fundos da igreja e seguia num misto de curvas e contra-curvas. A trajetória que se seguiu, desde o portal da cidade, até se ter a visão do campo santo, foi de belezas e encantamentos.

A estrada de chão batido que segue até lá, é toda pontuada de experiências místicas, o que atesta a intensa religiosidade daquele povo. Inúmeras são as histórias que compõem o panteão mítico dessa comunidade. Em vários momentos, antes de se chegar ao lugar pretendido, avistam-se vários túmulos nas estradas, confirmando, sobremaneira, o alto teor religioso desse povo. Os túmulos que aí se sucedem, apresentam formas retangulares, estão encimados por uma cruz simples e contam um pouco das histórias e lendas do lugar (Imagem 100). Aqui, uma morte por emboscada, ali uma tragédia que consumiu famílias inteiras, acolá um suicídio, etc.



Imagem 100: Túmulo de pagão na beira da estrada do cemitério - Chorrochó – BA.

Autoria: desconhecida, século XX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Na fala da comunidade, aqueles que morreram sem receber os sacramentos, sobretudo o batismo, não podiam ser enterrados num espaço sagrado, ficavam, pois, no lado de fora do cemitério. Em cada túmulo aí contemplado, avistam-se, também, variadas pedras ladeando a pequena cruz que ali se avulta, pois, no imaginário popular, são os presentes para os mortos; uma garantia de se ter uma vida longa, de ser esquecido pela morte.

Existem na cidade dois cemitérios; o velho construído por Conselheiro e o novo, construído mais recentemente.

Quem se desloca da igreja em direção aos cemitérios, topa logo, em primeiro momento com o novo; construído mais à frente, porém tomando-se as paredes do velho como ponto de partida. Logo a frente do cemitério novo existe uma capela que guarda uma grande cruz em madeira, relíquia do tempo do beato, venerada pelos habitantes. À frente dessa capela, num pedestal, de concreto a imagem de Nossa Senhora rouba a cena⁷. E uma pequena peça, de feição clássica, mas que comprova a forte tendência mística do local e povoa de histórias o imaginário popular. (Imagem 101).



Imagem 101: Imagem de Nossa Senhora das Graças - Chorrochó – BA.

Autoria: desconhecida, século XX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

⁷ Ouvi da boca de alguns moradores, das “beiradas” do sertão de Chorrochó, que esta Santa, uma Nossa Senhora das Graças em porcelana, levou um tiro em seu peito. A bala, todavia, não atravessou a imagem, apenas deixou aberta uma concavidade em seu coração. Conta-se, ainda, que o atirador morreu louco.

4.3 O CEMITÉRIO DO SENHOR DO BONFIM DE CHORROCHÓ



Imagem 102: Cemitério do Senhor do Bonfim de Chorrochó - BA
Autoria: Mestre Feitosa dos Inhamuns e Antônio Conselheiro, século XIX.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.



Imagem 103: Cemitério do Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA.
Fonte: Everton Silva, 2011.

Das construções da lavra do beato Antônio Vicente que ainda desafiavam o tempo podemos listar o pequeno cemitério de Chorrochó-Ba. Esse exemplar é único; uma verdadeira “joia” da arquitetura popular da grei conselheirista. (Imagens: 102 e 103).

Completamente mergulhado no esquecimento; não figura sequer em alguma linha de nota de rodapé, é um achado ímpar, repleto de significações para o repensar das memórias das gentes do Conselheiro.

Como parte integrante do conjunto do Senhor do Bonfim o cemitério foi erguido nos arrabaldes da cidade e em homenagem ao padroeiro local. Esse exemplar arquitetônico atesta o ideal religioso do peregrino; de amparar e socorrer espiritualmente os necessitados, dando-lhes mais dignidade.

Até a década de 30, do século XIX, era costume a realização de sepultamentos em solo sagrado, sendo a igreja, o local preferencial, costume considerado essencial para a salvação das almas. Tal prática se estendia desde as grandes cidades do litoral até os pequenos vilarejos do sertão, os quais nem sempre atendiam a essa perspectiva, pois, além de serem raros, em muitas vezes, apresentavam pouco espaço, e estrutura precária para a realização dos enterros.

Reis (2009, p.171, 172) teoriza que uma das formas mais temidas de morte era a morte sem sepultura certa, e o morto sem sepultura era dos mais temidos dos mortos. Era importante morrer em terra firme, não para ser enterrado em qualquer lugar, mas em lugar sagrado. Assim como os cortejos fúnebres se identificavam com as procissões que tematizavam o enterro de Cristo, as sepulturas eram associadas com o local onde Cristo era Senhor. As igrejas eram a Casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santo e de anjos, deviam também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos. A proximidade física entre cadáver e imagens divinas, aqui embaixo, representava um modelo da contiguidade espiritual que se desejava obter, lá em cima, entre a alma e as divindades. A igreja era uma das portas de entrada do Paraíso.

Ainda segundo o autor, ser enterrado na igreja era uma forma de não romper totalmente com o mundo dos vivos, inclusive para que este, em suas orações, não esquecessem os que haviam partido. Os mortos se instalavam nos mesmos templos que tinham frequentado ao longo da vida. Ali, também, se celebravam os momentos maiores do ciclo da vida – o batismo, o casamento e a morte.

Todavia, a partir da década de trinta com os surtos de epidemias e leis de higiene pública, instituiu-se a criação de cemitérios como parte da batalha pelo saneamento das cidades, gerando entre o povo a revolta contra os cemitérios.

No sertão embora se enterrasse nas igrejas durante todo o século XIX, e até início do XX, a prática da criação de cemitérios torna-se uma constante nas ações desenvolvidas por Antônio Conselheiro; passa, contudo, a ser um espaço reservado ao sagrado.

Sendo assim, acontecia que muitas dessas gentes morriam à mingua e eram enterradas em solo considerado pagão. Nessas paragens, muitas eram as carências: padeciam pela falta de socorro espiritual, de espaços sagrados – igrejas e cemitérios - de assistência de todo tipo.

Foi nesse cenário, marcado por faltas, que surgiu o beato. Desenvolveu sua missão sem, contudo, usurpar as funções sacerdotais. Queria mesmo era propiciar uma vida mais digna, uma possibilidade de sonho para aquele povo tanto espoliado pelo latifúndio e pelas leis da recente República.

Antônio Conselheiro passa a ser um dos primeiros a construir cemitérios nos confins dos sertões. Quase sempre nas cidades ou vilas em que chegava, quando se oferecia para a construção ou reforma de um templo, também se oferecia para a construção de um cemitério.

Em Chorrochó temos um conjunto arquitetônico que se completa: a igreja, o cruzeiro e o cemitério. É o único exemplar que ainda se mantém íntegro, pois os conjuntos de outras cidades encontram-se reduzidos; apenas igreja, ou somente cemitério.

As construções cemiteriais do Conselheiro apresentam características diversas. Nesse caso, o que chama a atenção do visitante ao se deparar com esse achado, é a singeleza e harmonia que ele apresenta. É uma obra de pequeno porte, paredes compactas, baixas e espessas, feitas em pedra e cal, frontão com linhas curvas assimétricas, uma única portada e pináculos ladeando o frontispício. Está encravado num terreno pedregoso de cenário rústico, cuja vegetação, própria da caatinga, decora o entorno. Coroando a fachada, uma cruz com o resplendor do Senhor do Bonfim⁸ em ferro fundido dialoga com a cruz da torre da igreja e faz crer que na grei do Conselheiro existiam inúmeros profissionais

⁸ É costume, no sertão de Chorrochó, relacionar o resplendor da cruz do Senhor do Bonfim com o sol forte do sertão. Para o sertanejo, é um símbolo da força e da resistência.

inclusive ferreiros, os quais tornaram-se muito úteis no cenário da Guerra de Canudos (Imagem 104).



Imagem 104: Cemitério do Senhor do Bonfim de Chorrochó – BA (detalhe).

Autoria: Mestre Feitosa dos Inhamuns e Antônio Conselheiro, século XIX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010

CAPÍTULO V – A PRESENÇA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO NO SANTUÁRIO DA SANTA CRUZ DO MONTE SANTO

Em cada canto dos rincões desses sertões, quando as lágrimas de São José são minguadas, a dor é imensa. A terra, com sua pele vincada, torna-se estéril, expulsa de seu ventre a possibilidade da vida. Pelos recônditos esquecidos dessas paragens aparecem visões apocalípticas; celestiais: miragens do deserto. Romeiros, beatos, conselheiros, peregrinos... No torvelinho do ostracismo o olhar dessas gentes é para o infinito, empunhalando estandartes do divino, cruces e velas como contas luminosas da noite. O enfrentamento é inexaurível; a luta com o cão é permanente... E lá se vão com tantas contas do rosário pra contar. Tantos silícios na pele a tocar. Tanto sal e poeira, sol e penar. Quando não se têm lágrimas de São José, a vida do sertão é uma via-crucis, e, a Virgem chora lágrimas de sangue. O sertão chora todos os dias, a fome e a sede são tantas. As vidas são secas. Mas os corações... Estes, embora crucificados e vertendo sangue como o Sagrado Coração de Jesus, ainda clamam aos céus...

As esperanças são muitas,
Muitas preces entoadas,
Muitas velas queimadas,
Muita promessa pra pagar...
E nada de chuva,
Nem do sertão virar mar...
E a Santíssima,
Virgem Puríssima
Desatando a chorar.
Tudo pena... (SANTOS, 2009).

5.1 O MONTE SANTO E SEU SANTUÁRIO

Dentre as várias cidades, que possuem obras da lavra do beato Conselheiro, uma ficou especialmente destacada por apresentar uma obra *sui generis*: O Monte Santo com seu santuário da Santa Cruz.

Esse místico santuário concebido, no século XVIII, pelo frei italiano Apolônio de Todi foi restaurado pelo profeta Conselheiro um século depois. Tudo ali ainda respira religiosidade, e a materialização beatificante do Conselheiro é mesmo muito forte, chega a suplantar a do seu fundador.

Contados mais de 120 anos de seu aparecimento, no Sacro Monte, o visitante ou romeiro, que se dirige para lá, pode, sem sombra de dúvida, confirmar a sensação da presença do profeta sertanejo.

Logo à frente da Igreja Matriz, no jardim principal da cidade, projeta-se imponente, portando uma grande cruz, uma escultura em madeira do beato penitente (Imagem 105). Ali, ergue-se presente, juntamente com a estátua, outro objeto: um canhão, chamado pelos sertanejos de *Matadeira*. Em outros pontos, esculturas de militares e fragmentos da guerra também compõem cena, atestando, a todo momento, a estada do peregrino e dos personagens envolvidos nos conflitos de Canudos.



Imagem 105: Escultura em madeira de Antônio Conselheiro, Monte Santo – BA.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Dantas (1987, p.181), cronista e romancista sertanejo, quando de sua passagem por aqueles rincões, argumenta: o Monte Santo corresponde ao que esperava. É o lugar mais bonito dos sertões, pois o belo da natureza se juntou ao toque da mão do homem, toque

discreto e secular, daqueles que ignoram certo tipo descaracterizador da civilização, fazendo questão de não perder a alma.

O escritor Euclides da Cunha também esteve presente no local. Suas impressões acerca da cidade, em primeiro momento, são transcritas de forma depreciativa.

Olhando em torno o que se observa é o mais perfeito contraste com a feição elevada desta vila ruidosamente saudada. As impressões aqui formam-se através de um jogo persistente de antíteses. Situada num dos lugares mais belos e interessantes do nosso país, Monte Santo é simplesmente repugnante. A grande praça central ilude à primeira vista. Quem ousa atravessar, porém as vielas estreitíssimas e tortuosas que nela afluem é assoberbado por um espanto extraordinário. Não são ruas, não são becos, são como imensos encanamentos de esgotos, sem abóbadas, destruídas. Custa a admitir a possibilidade da vida em tal meio – estreito, exíguo, miserável [...] Tem-se a sensação esmagadora de uma imobilidade do tempo. [...] E quando o sol dardeja alto, ardentíssimo num céu vazio tem-se a impressão estranha de um *spleen* mais cruel do que o que se deriva dos nevoeiros de Londres; *spleen* tropical feito de exaustão completa do organismo e do tédio ocasionado por uma vida sem variantes. (CUNHA, 2003, p.76,77).

Mais adiante, em sua obra “vingadora” *Os Sertões*, Cunha (2002), tentando se redimir dos equívocos cometidos anteriormente, chamará de lugar lendário, descrevendo a “Piquaraça dos roteiros caprichosos” como uma geografia de espantosa exatidão.

Contrastando com as primeiras impressões de Euclides da Cunha, Dantas (1987, p, 182, 183) diz:

Monte Santo é um largo pátio de grama verde, que sustenta nos ombros o peso de uma montanha sagrada, lugar de antiga data e de grande devoção. A cidade vive toda presa ao espinhaço desta montanha. [...] Monte Santo teve seu nome ligado à Guerra de Canudos por ter servido de ponto de descanso e de base militar das tropas. Lugar de ares puros, serranos, distante muitas léguas do reduto conselheirista, Monte Santo era uma morada de paz, que a guerra veio perturbar com as suas operações. Subindo este monte na direção do Calvário, imaginei o trabalho que o famoso missionário italiano teve para construí-lo, apesar de contar com o anônimo esforço dos penitentes, a carregar pedras e tijolos, nas seculares santas-missões. Monte Santo é um refrigerio. Fica nos fundos de Canudos. Conservou-se como era: parece não gostar do progresso citadino, isto para a beleza e para a conservação da sua tocante e ingênua paisagem.

Mesmo depois de alguns séculos contados a partir de sua concepção e construção, a pequena cidade mística ainda surpreende. A primeira impressão do visitante que se dirige a esse santuário sagrado dos sertões da Bahia, via Euclides da Cunha, é de encantamento. A uma curta distância, ao se aproximar da cidade, o viajante é tomado pela visão soberana da imensa montanha pontilhada de brancas capelas na qual está encravado esse secular centro de peregrinação.

Distando cerca de 352 Km da capital baiana, a cidade montesantense pertence a microrregião de Euclides da Cunha e está situado no Nordeste do Estado da Bahia, numa altitude de aproximadamente 500 metros acima do nível do mar. Possui uma área total de 3.285,40 km² de extensão, com população de habitantes, sendo 19,97% na zona urbana e 80,03% na zona rural. Faz limite com mais sete municípios, sendo estes: Euclides da Cunha, Itiúba, Andorinha, Uauá, Cansanção, Canudos e Quijingue (Imagem 106). É uma cidade que possui grande carisma e fortes tonalidades de misticismo.



Imagem 106: Localização do município de Monte Santo – BA.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bahia_Municip_MonteSanto.svg>

Acessado em 10/06/2010.

Quem visita o Monte Santo na Semana Santa fica extasiado com a mostra de fé local e religiosidade popular. Nessa época, a cidade pinta-se de um colorido intenso e especial. O santuário todo agita-se num fervilhar sem tamanho. Para lá, acorre gente de todos os cantos do Nordeste, e do Brasil, portadora de uma fé sem precedentes, no afã de cura dos males e resolução de todos os problemas.

Na Semana Santa e no mês de novembro, no dia de Todos os Santos, os romeiros chegam trazendo consigo a esperança e o pagamento pelo cumprimento das promessas feitas. A cidade para em respeito. Nas procissões do Encontro e da Via Sacra, o comércio fecha e o povo aflui em linhas intermináveis, num uníssono de rezas, cantos e ladainhas.

Muitos romeiros trazem consigo pequenos objetos para quitar as dívidas das promessas e graças alcançadas. Velas, flores de plástico e de papel, ex-votos, dentre outros. Todos esses objetos, levados para o alto, são depositados nas pequenas capelas que contornam a montanha, culminando, na maioria das vezes, com a oferta de um ex-voto para o edifício que coroa o ponto mais elevado do monte, denominada Capela da Santa Cruz. (Imagens 107 e 108).



Imagem 107: Ex-votos da Capela da Santa Cruz do Monte Santo.
Autoria desconhecida.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.



Imagem 108: Ex-votos da Capela da Santa Cruz do Monte Santo.

Autoria desconhecida.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

O Monte Santo ainda é, na atualidade, uma porção de terra marcada por sua intensa religiosidade cristã. Os fiéis, ali, chegam arrebatados de todas as partes, tingidos de sol e poeira. Homens e mulheres de todas as feições e idades que escalando a montanha acentuadamente íngreme não encontram obstáculo algum, mesmo com o sol ardente a pino. Outros que dilacerando a pele e a carne, sobem de joelhos a estrada revestida de pedras brutas, salpicando de sangue vivo o caminho da via crucis.

A cidade toda, especialmente nessa época dos festejos religiosos, veste-se de um aparato que lembra os artificios do estilo barroco. Toda a dramática da paixão de Cristo é sentida em todos os pontos, o que faz com que uma atmosfera de comoção e piedade seja instaurada, principalmente quando se efetiva a Procissão dos Passos e do Encontro.

A Igreja Matriz do Monte Santo possui um conjunto de imaginária sacra de influência barroca de muito boa lavra. Dentre todas elas se destacam as imagens de vestir do Nosso Senhor dos Passos e a de Nossa Senhora da Soledade trazidas da capital da Bahia para a realização realística da Procissão dos Passos, e articulada, *a priori*, pelo Frei Apolônio de Todi, quando da construção do Santuário da Santa Cruz (Imagem 109).

Essas imagens encontram na cidade, a ambiência típica da dramática estilística evidenciada, no Brasil, no século XVIII.



Imagem 109: Nossa Senhora da Soledade e Nosso Senhor dos Passos, Monte Santo – BA.
Autoria desconhecida.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Segundo Flexor (2005, p.4), criadas e enfatizadas pela matriz sensorial das procissões, as imagens de roca e de vestir provocavam emoções e lágrimas nos fiéis. E essas lágrimas, inclusive recomendadas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, surgiam diante das cenas de sofrimento de Cristo e de Maria. Outras levavam à meditação, criavam, por assim dizer, o cenário propício.

Nessas cenas de procissão, dominavam, sobretudo, as imagens de roca e/ou as de vestir, que possibilitavam expressões e gestos teatrais e permitiam a comunicação direta com os acompanhantes. A possibilidade de mudar a roupagem e os gestos das imagens se coadunavam perfeitamente com a teatralidade barroca e com o que as cenas pediam.

A disposição espacial urbana do Monte Santo com algumas com suas ruas estreitas e ligeiras declividades, bem como suas igrejas, capelas e geografias, num cenário que remete ao Calvário, também se relaciona com as influências barrocas presentes nas terras do interior.

O Monte Santo, imenso santuário dos confins dos sertões, possui grande religiosidade; uma mistura de fé, sacrifício e devoção. No pórtico, coroando a estrada do sítio urbano lê-se em grande placa de aço; Monte Santo: coração místico do sertão. Somando-se a isso, o visitante tem a impressão de estar pisando em um solo eivado de misticismo e religiosidade, sensação que logo é confirmada pelo traçado citadino e pela ampla cordilheira que numa visão superior lembra uma pequena extensão da Muralha da China, bem como do Monte Calvário.

Há na atmosfera do Monte Santo uma sensação de cidade congelada no tempo-espaço. Por estar situada numa zona do sertão, distante do litoral, o progresso chegou ali a passos lentos, o que não impediu de desconfigurar algumas de suas obras seculares. Somando-se a isso, existe, ainda, a negligência no tocante a preservação e restauração dos seus bens materiais e imateriais.

A história do Monte Santo remonta aos idos de 1782 e tem como seu principal fundador o frei capuchinho Apolônio de Todi. Após sua chegada à cidade do Salvador, foi ele exercer, por ordem do novo Arcebispo da Bahia, Dom Frei Antônio Correia, sua ação missionária no sertão da Bahia e de Sergipe.

Segundo Pedreira e Rocha (1983, p.6) mesmo já tendo feito missões em Jeremoabo e Massacará, frei Apolônio foi convidado por Francisco da Costa Torres, um dos arrendatários de terras da Casa da Torre, para ali fazer missão. Todavia, tendo lá chegado e não encontrando água que desse para abastecer os missionários, o frei preferiu, para realizar seus objetivos, o lugar sítio, no sopé da Serra do Piquaraçá, nas terras da Fazenda Soledade, no qual estava a capela de Nossa Senhora da Conceição, e onde existia uma nascente de água boa e cristalina.

Assim, chegando ao local, o frei ficou confuso com a impressão que o local lhe causara. Pareceu-lhe que o lugar era predestinado, porque muito se parecia com o Calvário de Jerusalém. Tratou-o, imediatamente, de armar latada para pregar aos fiéis, pois a falta de religiosos naquelas paragens era uma constante.

Segundo assevera Calasans (1997, p. 73), inspirado pelo ambiente, o frei imaginou logo em ornar o lugar de passos de Nossa Senhora das Dores e Passos de Nosso Senhor. A área aproveitada media quase uma légua, e, nesse mister, contou com a dedicação e o trabalho dos sertanejos, que cortaram e levaram para o monte paus de aroeira e cedro. Sendo assim, logo surgiram mestres carapinas e pedreiros, solícitos no atendimento do plano do frei. Ao término da Santa Missão, no dia de Todos os Santos, o frade organizou uma procissão para subir a serra e foi colocando cruzes de madeira no caminho, seguindo o modo e a distância como determinam os Sumos Pontífices.

Ainda, segundo o autor, no meio da jornada, um violento furacão apagou as lanternas dos penitentes, obrigando-os, também, a se baixarem, principalmente as mulheres que, separadas dos homens, vinham atrás com suas velas entoando cânticos e ladainhas. O frade ordenou que nada temessem, mas que invocassem Nossa Senhora do Amparo, cuja imagem conduziam. Feito o sinal da cruz os fortes ventos cessaram, os quais, sempre rezando, terminaram as colocações das cruzes e retornaram ao ponto em que se erguera a latada. O Frei Apolônio fez, então, o sermão de conclusão da penitência, exortando aquele povo, espiritualmente abandonado, a visitar sempre, nos próximos anos, especialmente nos dias santos, as santas cruzes. Por fim, recomendou o frei, que ninguém chamasse mais aquele local de piedade cristã de Serra de Piquaraçá. Iniciou-se, dessa forma, a era do Monte Santo repleta de milagres e esperanças.

Apareceram na extensão das cruzes, arco-íris de cinco cores: azul amarelo, branco, roxo e vermelho. As gentes das redondezas passaram a frequentar as santas cruzes e os doentes ficavam bons dos seus males quando beijavam a cruz do Calvário. Espalhou-se a notícia dos milagres. De longe também vinham cegos, aleijados, conduzidos em redes. E todos ficaram bons. Apolônio sentiu que se tornava necessária a sua presença em Monte Santo, para a ampliação da obra, que iniciara. Tudo se tornou “fácil e breve”, no dizer do frade, porque o povo lhe prestou o auxílio necessário. Os passos foram fechados como capelinhas e se ergueu a igreja bem no alto daquele monte. Também apareceram painéis para os passos. O povoamento do pé da serra cresceu. Em 1790 estava criada a freguesia e irmandade dos Santos Passos, do qual foi primeiro vigário encomendado o padre Antonio Pires de Carvalho. Elevaram-na a vila em 21 de março de 1821. (CALASANS, 1997, p. 74).



Imagem 110: Santuário da Santa Cruz do Monte Santo.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Depois de algum tempo, após terminada a missão e ter partido para a Mirandela, o frei ao saber dos fatos miraculosos, regressou ao Monte Santo e iniciou novo mister: a feitura de uma igreja no alto do monte, fechando os passos, e também uma nova igreja para substituir a antiga capelinha de Nossa Senhora da Conceição ainda existente, porém em ruína. Tal capelinha localizava-se no sopé da montanha.

O frei, Apolônio de Todi, em suas andanças pelos sertões, além da obra missionária que articulava, também, foi um edificador de obras religiosas, bem como um restaurador de igrejas, capelas, etc.

É sabido que ele andou missionando em comunidades do sertão da Bahia tais como: Jeremoabo, Mirandela, Massacará, Monte Santo, Bom Conselho, Tucano, etc., o qual teria, certamente, levantado obras no ajuntamento das Santas Missões. Dessas obras subsistem, embora reformuladas pela negligência das autoridades, o conjunto arquitetônico do Monte Santo, a igreja de Senhora Santana da cidade de Tucano, bem como o templo de Nossa Senhora do Bom Conselho, situado na cidade de Cícero Dantas.

O Santuário da Santa Cruz do Monte Santo, no alto da antiga Serra de Piquaraça, ainda resiste ao tempo. Dista da primeira capela, no início do caminho das conhecidas romarias, 1.969 metros.

No percurso, além da capela que coroa o cume da serra, são vistas mais 24 capelas menores contornado a montanha, e que se erguem imponentes para além da cidade (Imagem 110). Nessas capelas, existiam painéis com as cenas dos passos mandados pintar por Apolônio de Todi. Tais painéis desapareceram quase que por completo, restam apenas, hoje em dia, pequenos fragmentos de pintura e talha em algumas das capelas, bem como cruzes decorando os seus interiores (Imagem 111). Outras se encontram completamente vazias, ornadas apenas com as velas que ardem pelo pagamento das graças alcançadas.



Imagem 111: Painel com pintura religiosa da primeira capela do Santuário do Monte Santo.

Autoria desconhecida.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

As capelas construídas em pedra e cal, nos locais das primitivas cruzes foram dedicadas às almas, às Sete Dores de Nossa Senhora e às lembranças dos sofrimentos de Cristo na sua caminhada para o Monte Calvário, em Jerusalém. O espaço entre cada capela é de cerca de duzentos metros, e a peregrinação é feita a partir da Rua dos Santos Passos.

E fez-se o templo prodigioso, monumento erguido pela natureza e pela fé, mais alto que as mais altas catedrais da Terra. A população sertaneja completou a empresa do missionário. Hoje quem sobe a extensa via-sacra de três quilômetros de comprimento, em que se erigem, a espaços, 25 capelas de alvenaria, encerrando painéis dos "passos", avalia a constância e a tenacidade do esforço despendido. Amparada por muros capeados; calçada em certos trechos;

tendo, noutros, como leito, a rocha viva talhada em degraus, ou rampeada, aquela estrada branca, de quartzolito, onde ressoam, há cem anos, as litanias das procissões da quaresma e têm passado legiões de penitentes, é um prodígio de engenharia rude e audaciosa. Começa investindo com a montanha, segundo a normal de máximo declive, em rampa de cerca de vinte graus. Na quarta ou quinta capelinha inflete à esquerda e progride menos íngreme. Adiante, a partir da capela maior — ermida interessantíssima ereta num ressalto da pedra a cavaleiro do abismo —, volta à direita, diminuindo de declive até a linha de cumeadas. Segue por esta segundo uma selada breve. Depois se alteia, de improviso, retilínea, em ladeira forte, arremetendo com o vértice pontiagudo do monte, até o Calvário no alto! A medida que ascende, ofegante, estacionando nos “passos”, o observador depara perspectivas que seguem num crescendo de grandezas soberanas: primeiro, os planos das chapadas e tabuleiros, esbatidos embaixo em planícies vastas; depois, as serranias remotas, agrupadas, longe, em todos os quadrantes; e, atingindo o alto, o olhar a cavaleiro das serras — o espaço indefinido, a emoção estranha de altura imensa, realçada pelo aspecto da pequena vila, embaixo, mal percebida na confusão caótica dos telhados. E quando, pela Semana Santa, convergem ali as famílias da redondeza e passam os crentes pelos mesmos flancos em que vaguearam outrora, inquietos de ambição, os aventureiros ambiciosos, vê-se que Apolônio de Todi, mais hábil que o Muribeca, decifrou o segredo das grandes letras de pedra descobrindo o el-dorado maravilhoso, a mina opulentíssima oculta no deserto... (CUNHA, 2002, p. 64)

A obra que Euclides chama de grandiosa e ao mesmo tempo tosca encontra sua gênese de formação na influência dos estilos barroco e rococó.

Nos sertões do Brasil, as repercussões do estilo barroco se fizeram posteriormente, e de forma mais tímida, pois a falta de matéria-prima abundante e de pessoas mais qualificadas produziu um estilo mais particularizado e livre das influências da metrópole.



Imagem 112: Altar-mor da Capela da Santa Cruz do Monte Santo.
Fonte: Jadd Pimentel.

No que concerne ao santuário da Santa Cruz do Monte Santo, presencia-se, também uma tendência à hibridização, pois as influências mais eruditas trazida pelos missionários mesclavam-se à arte local de apego mais popular.

Na capela da Santa Cruz destaca-se o altar-mor. Executado em estuque, apresenta em seu repertório estilístico alguns elementos de influência barroca e rococó. Nele avulta-se o uso de motivos fitomórficos, volutas em s, curvas e contra-curvas, etc. Vê-se aí, dois nichos centrais onde ficam guardadas as imagens de vestir que são mostradas durante a Semana Santa. (Imagem 112).

Certamente, o conjunto do Monte Santo apresentava, com maior pompa, o seu repertório barroco, em épocas passadas, hoje reformulados pelas mãos da modernidade que também chegaram ao sertão. A fachada da capela, cuja invocação é a Divina Santa Cruz, foi totalmente desfigurada para um estilo desgracioso e destoante da arquitetura simples das demais capelas, perdendo-se, com isso, a sua originalidade. (Imagem 113).



Imagem 113: Capela da Santa Cruz do Monte Santo (Fachada reformulada).

Autoria: Frei Apolônio de Todi.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

É, sobretudo, nas partes laterais e no fundo da capela, que ainda podemos observar, em menor escala, o modo de construir do Frei Apolônio de Todi. Ai, evidencia-se o uso de volutas com espiral longo, torre sineira simples deslocada para as laterais ou para os fundos, etc., possibilitando ao edifício um certo dinamismo (Imagem 114). Tal partido arquitetônico influenciará, sobremaneira, as obras erigidas pelo profeta Conselheiro.



Imagem 114: Vista posterior da Capela da Santa Cruz do Monte Santo.

Autoria: Frei Apolônio de Todi

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

No caminho dos passos que contornam a serra, também nos deparamos com capelas cujos frontispícios apresentam uma combinação simples de volutas e motivos vegetalizados. Infelizmente a antiga igreja de Nossa Senhora da Conceição, localizada no sopé da montanha, foi totalmente desconfigurada, transformando-se numa igreja de feição neogótica. Guarda da época do Frei Apolônio apenas a imaginária sacra que orna o seu interior, e que por sinal, apresenta o repertório erudito do barroco.

O que se pode apreciar da Antiga Matriz são apenas alguns registros fotográficos feitos por Flávio de Barros, na última década do século XIX, nos quais se verificam os fundos e as laterais do templo (Imagem 115).

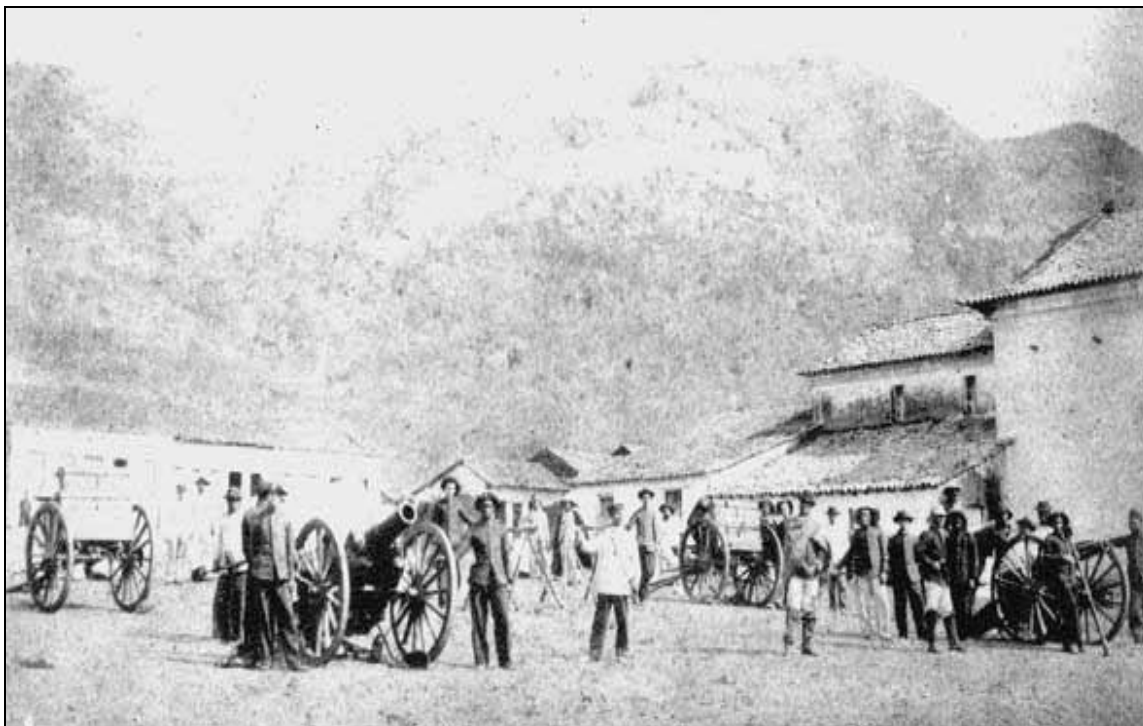


Imagem 115: Divisão Canet e a antiga Igreja Matriz do Monte Santo – BA.
Fonte: Flavio de Baros, 1897.

5.2 ANTÔNIO CONSELHEIRO CONSTRUTOR E RESTAURADOR DO SANTUÁRIO DO MONTE SANTO

Cem anos após a sua construção, encontrar-se-ia no Monte Santo, outro religioso possuidor de grande fé e devoção: Antônio Conselheiro. Sua estada, embora rápida, foi suficiente para reconstruir algumas das capelas que estavam arruinadas e erguer as paredes de arrimo que contornam a parte mais acidentada da montanha. Assim reza a tradição popular, bem como alguns registros oficiais.

Observando atentamente a obra erigida através da caridade e em regime de mutirão, podemos constatar o capricho e a grandiosidade empregados por Conselheiro e seu séquito. A muralha que contorna a subida é um exemplar único. As paredes espessas de cerca de um metro de altura por um metro de largura são como verdadeiras fortalezas. (Imagem 116).

Numa perscruta mais atenta, chega-se a constatar que elas se configuram como uma das maiores obras do Conselheiro. Dadas as dificuldades impostas pela montanha acentuadamente íngreme, tal prodígio chega mesmo, a ser, um milagre da engenharia popular sertaneja.



Imagem 116: Muro de arrimo da subida do Santuário da Santa Cruz.

Autoria: Antônio Conselheiro.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

O visual dessa edificação surpreende pela estética apresentada. As paredes caiadas de branco, bem como as capelas iniciais, refletem a luminosidade do sol atraindo o observador. Nessas edificações, ainda presenciamos a estilística do Bom Jesus Conselheiro. Mas é, sobretudo, na maior capela, anterior a Capela da Santa Cruz, encontrada no meio da subida, que a estética conselheirista se confirma.

Nota-se aí, a presença dos pináculos ornando a fachada, o uso de volutas feitas à mão livre, de gosto popular, estrutura arquitetônica compacta e pesada, paredes espessas, e torre campanário lateral de estrutura simples, com vão de abertura para colocação do sino (Imagem 117).

Esse exemplar está encravado numa parede rochosa da montanha, e tem à sua frente a visão formidável do imenso precipício. Pra se dirigir aos demais passos é quase parada obrigatória passar por dentro dessa capela. Em seu interior ardem velas, e no pequeno altar de cariz rococó ainda existente, flores de plástico e tecido compõem a ornamentação (Imagem 118).



Imagem 117: Frontaria da capela-mor dedica à Nossa Senhora da Soledade.
 Autoria: Apolonio de Todi e reforma de Antônio Conselheiro.
 Fonte: Jadd Pimentel, 2010.



Imagem 118: Altar da capela dedicada à Nossa Senhora da Soledade.
 Autoria: Antônio Conselheiro.
 Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

José Aras, cujo pseudônimo era Jota Sara, conhecedor da vida e das obras do Bom Jesus Conselheiro, contou muitos episódios de forma poética. Alguns de seus versos discorrem acerca das benfeitorias feitas pelo profeta, no Monte do Frei Apolônio.

Construiu em Monte Santo
O Caminho da Santa Cruz
O povo dizia na reza;
Do céu baixou uma luz
Quem não fizer o bem
Dom Sebastião vem
Mandado do Bom Jesus
(SARA, 1963, p. 7)

Aras (1953, p.14) é categórico ao afirmar que o peregrino Antônio Vicente, nessa freguesia, já se encontrava desde o ano de 1884, quando de passagem para a comunidade de Chorrochó. O cronista e poeta, que nasceu e se criou na região de Canudos, afirma que o asceta cearense, assim que chegou nesse sítio de grande religiosidade, com aquele acompanhamento de mais de quinhentas pessoas, pediu abrigo aos moradores. Prossegue ainda dizendo, que entre eles havia: carpinteiros pedreiros, ferreiros, pintores, etc.

Ainda nessa mesma época, segundo inferiu o aedo sertanejo em sua obra literária, o penitente construtor, ao chegar ao pé da montanha, subiu a mesma com um grupo de fieis. Em todas as capelas observava atentamente o abandono. Queria ver de perto as grandes cruzes nas pedras feitas pela natureza, e de onde se originou o nome Monte Santo, em substituição à Piquaraçá. Sobre esse episódio continua Aras (1953, p.15):

O Conselheiro envergado sustentava-se em um bastão subindo a passos miúdos. Examinava com cuidado tudo que via sobre a montanha. Lá no topo, aproximou-se da Igreja da Santa Cruz e deu três badaladas no sino. Orou ajoelhado e desceu a passos lentos, como subira. [...] Chegando à rua, deu ordem de trabalho, e incontinentemente os seus operários se entregaram a labuta. Não pediu ou exigiu dinheiro. As ferramentas estavam ali trazidas nas costas de seus homens. Alguns deles iniciaram o desmoronamento do velho muro de pedra em forma de cerca enquanto os outros trançavam cal e carregavam água da fonte denominada Mangueira, no sopé da serra. Outros começavam a reforma das capelinhas da Via Sacra, e ainda outros revestiam a pintura dos painéis. Dias depois, a luta era a mesma, mas o trabalho progredira. As capelas já estavam sendo pintadas e as muradas de cal trançadas estavam sendo construídas. As capelinhas já alvejavam como um rosário de contas até a igreja da volta (de Nossa Senhora das Dores) e em poucos meses estava pronta a obra do caminho da Santa Cruz.

Acerca da presença do beato profeta, na freguesia do Monte Santo, também, informa, no ano de 1888, um cronista viajante:

Quando por ali passamos achava-se na povoação um célebre *Conselheiro*, sujeito baixo, moreno acaboclado, de barbas e cabelos pretos e crescidos, vestido

de camisolão azul, morando sozinho em uma desmobiada casa, onde se apinhavam as beatas e afluíam os presentes, com os quais se alimentava. Este sujeito é mais um fanático ignorante do que um anacoreta, e a sua ocupação consiste em pregar uma incompleta moral, ensinar rezas, fazer prédicas banais, rezar terços e ladainhas com o povo, servindo-se para isso das igrejas, onde, diante do viajante civilizado, se dá a um irrisório espetáculo, especialmente quando se recita um *latinório* que nem os ouvintes entendem. O povo costuma afluir em massa, aos atos religiosos do Conselheiro, a cujo aceno cegamente obedece, e resistirá, ainda mesmo a qualquer ordem legal, por cuja razão os vigários o deixam impunemente, *passar por santo*, tanto mais quando ele nada ganha, e, ao contrario, promove extraordinariamente os batizados, casamentos desobrigas, festas, novenas e tudo mais em que consistem os vastos rendimentos da igreja (AGUIAR, 1979, p.83).

É bem provável que Antônio Conselheiro em suas andanças já tivesse passado anteriormente por lá, o qual se impressionou com a obra do frei italiano, prometendo, em ocasião posterior, a restauração do santuário que se apresentava depreciado. E é tanto que o Monte Santo do Apolônio de Todi, com seu ideário de cidade sagrada, repercutirá na cidade do Belo Monte.

Calasans (1997, p.75) assevera que a escolha do nome Belo Monte não é uma coincidência. A mudança ordenada por Antônio Conselheiro parece indicar influência do frei Apolônio. Piquaraça passou a ser Monte Santo e Canudos se transformou em Belo Monte. Para ele, era mais do que lógico que o líder místico peregrinasse numa região de fortes tonalidades místicas como aquela.

É importante argumentar, que nos depoimentos do *Diário de Notícias* datados de outubro de 1892, os correspondentes locais afirmam que houve, também, benfeitoria no conjunto da Santa Cruz, nesse período.

Acha-se aqui de passagem o conhecido Antônio Conselheiro, o qual como verdadeiro penitente tem feito com o auxilio do povo, obras de grandes utilidades nos lugares onde faz passagem. Ouvi uma das suas prédicas as quais são por ele enxertadas com referência política, manifestando-se contra o casamento civil e outros atos do governo republicano. Isto, porém, nada influi no ânimo político, que só aproveita deles o que é útil. (Diário de Notícias apud CALASANS, 1997, p.75).

Já em agosto de 1893, o correspondente do *Diário* foi mais positivo no seu noticiário.

Fui testemunha ocular de que quando aqui estive o ano passado envidou meios de fazer-se alguns reparos nas capelas e na estrada do Monte daqui a fim de não continuar a decadência em que se achava a instituição da irmandade dos Santos Passos do Senhor do Calvário, pedindo e aplicando o resultado das esmolas que recebia para este fim. (Diário de Notícias apud CALASANS, 1997, p.75).

Pelo que se pode apurar, a restauração dos Passos também se efetivou no começo da década de noventa do século dezenove. Dadas às circunstâncias locais e nacionais, bem como aos conflitos eminentes, reza a tradição que o peregrino não concluiu um dos seus maiores objetivos: o término da execução do muro, e o reparo das obras pias do santuário. O muro de arrimo que margeia a montanha ficou pela metade e a restauração das capelas, também, pois Antônio Conselheiro e sua grei retiraram-se para o Belo Monte não retornando para o Monte Santo posteriormente.

Na voz de Maria Espírito Santo do Bonfim (apud TAVARES, 1993, p.66), o Conselheiro exerceu e ainda continua exercendo sua influência por estas centenas e centenas de léguas em torno de seu antigo reduto. Segundo ela, o Monte Santo ouviu sua palavra e muitos dos penitentes subiram, com ele, a via sacra assistindo o “milagre” de Nossa Senhora da Soledade derramar lágrimas de sangue, ao ver o Bom Jesus cansado e ofegante. Também segue dizendo que as muralhas capeadas da subida, até a primeira grande capela, são de sua autoria, pois quando chegou, viu os estragos, convocou sua gente, suas multidões de fanáticos e levantou as paredes laterais que protegem a subida.

Sua estada no santuário da Santa Cruz ficou marcada no imaginário popular através dos milagres ali operados.

No alto da Santa Cruz, ponto de chegada, Antônio Penitente, abatido pelo cansaço, sentou-se no primeiro degrau da escada e voltou os olhos para o firmamento estrelado, aguardando a chegada de todos os fiéis, alguns deles entrando na capela, muitos permanecendo do lado de fora, ajoelhados rezando. Recuperado da fadiga, o Bom Jesus Conselheiro levantou-se e entrou no recinto sagrado, os devotos afastando-se para permitir-lhe a passagem até o altar, onde parou, respirando ainda com dificuldade, o olhar dirigido para o piso. De repente, levantou a cabeça e fitou a imagem da Virgem Maria, de cujos olhos rolaram duas lágrimas de sangue. Vendo o temor estampado nas faces do fiéis, quase todos chorando, falou: - São lágrimas de mãe, que vê o seu glorioso Filho torturado por nós, com nossos pecados. Arrependei-vos, pois, para que o Senhor não seja crucificado todos os dias, e a Virgem não sofra tão grande dor. (CANÁRIO, 2005, p. 175).

Na fala de um morador local (apud CAMPOS, 1930, p. 177) outros milagres ocorreram quando da passagem do beato Conselheiro pelo Monte Santo. Lembrava-se da última visita do peregrino, que pregara santa missão durante nove dias, e, como Apolônio de Todi, subiu até o Santuário, no alto da montanha, pondo remate à sequência das vinte e cinco capelinhas, disseminadas à beira da longa estrada. Alcançando o templo, fez uma

cruz na soleira da porta central, com a ponta do bordão, ocorrendo, contudo, um fenômeno surpreendente.

De repente – nota-se que naquelas paragens reinava à seção, terrível estiagem – começou a exsudar água das paredes e a gotejar do teto, que pasmava. Transpondo a porta, então, Conselheiro adiantou-se, rendendo os joelhos ante o altar, em prece. Concluída a oração, retirou-se de costas até a porta, segundo costumava proceder sempre que deixava um templo e na soleira voltou a fazer o sinal da cruz, com a extremidade de seu inseparável cajado. No mesmo instante cessou a água de ressumar das paredes e de estilar do telhado. Então o povo augurou que semelhante prodígio anunciava muito sangue derramado por causa do Beato. (CAMPOS, 1930, p. 434).

Todavia, é conveniente frisar que o ano de ocorrência dessas procissões, bem como o das últimas benfeitorias, seja o de 1892. Depois dessa data, o beato não mais retornou à sede do município, embora Canudo fizesse parte do seu território.

José Aras (1953, p. 17) informa sobre a retirada do beato, e de sua grei, do Monte Santo. Conta-nos que tal episódio se sucedeu numa manhã neblinosa, quando os penitentes levantaram acampamento. Levavam pouca matalotagem e alguns dobrões de níquel. Poucos animais carregavam ferramentas. O mais estava acondicionado em trouxas carregadas por homens, mulheres e mocinhas maltrapilhas. Persignaram-se antes da partida e seguiram em direção ao norte, pela estrada de Uauá, com o intuito de aportarem em Chorrochó. De acordo com o autor, saíram improvisando um bendito, o qual abordava sobre um fato miraculoso ocorrido na despedida.

Nosso Conselheiro Antônio
Quando neste mundo andou
Os milagres eram tantos
Que toda imagem suou
(apud ARAS, 1953, p.17).

Contudo, em 1897, um novo acontecimento divulgaria essa cidade e seu santuário em nível nacional. A Guerra de Canudos projetou Monte Santo; lugar por onde transitaram variados soldados e para onde se dirigiram pessoas de vários segmentos sociais: jornalistas, médicos, ministros, homens de negócios, etc., muitos dos quais desconheciam, plenamente, aqueles rincões dos confins dos sertões.

CAPÍTULO VI – ANTÔNIO CONSELHEIRO CONSTRUTOR E RESTAURADOR DE CAPELAS IGREJAS E CEMITÉRIOS



Imagem 119: Igreja de Nossa Senhora de Belém de Biritinga – BA, óleo sobre tela.
Fonte: Antônio Afro, 2010.

Antônio Conselheiro
Santo Antônio Construtor
Poeta das horas mortas
Arquiteto; rezador...
Bom Jesus santificado
João Batista, bom senhor,
Edificou capelas e igrejas,
Outras tantas levantou...
Erigiu cruzeiro e cemitérios,
E até cidades fundou...

(SANTOS, 2010)

6.1 RAINHA DOS ANJOS



Imagem 120: Capela da Rainha dos Anjos, Itapicuru – BA.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.



Imagem 121: Capela da Rainha dos Anjos, Itapicuru – BA.
Fonte: Everton Silva, 2011.

É de comum acordo, no sertão da Bahia, apontar a capela de Nossa Senhora da Rainha dos Anjos, como a primeira da lavra de Antônio Vicente Mendes Maciel. O primeiro jornal que noticiou acerca do profeta Conselheiro foi *O Rabudo* da cidade de Estância, datado de 22/11/1874.

O periódico além de caracterizar o beato, informa-nos sobre a pequena capela edificada nas terras do Itapicuru, no povoado cujo topônimo é o mesmo de sua padroeira: Rainha dos Anjos.

A vila da Rainha dos Anjos faz fronteira com a cidade de Tobias Barreto (Sergipe), antiga Campos, onde Antônio Vicente edificou e restaurou obras. Aras (1953, p.8) assevera que, estando o profeta nas terras da Bahia, à margem direita do Rio Real, na Vila de Nossa Senhora Rainha dos Anjos edificou uma igreja em estilo da época, com varandas, a qual veio a ruir por falta de assistência. Conforme o autor, algum tempo depois enviaram Pedrão um dos homens da “Companhia do Conselheiro”, onde erigiu uma capela.

Na verdade, pelo que se pode depreender, a capela foi restaurada; perdendo-se, todavia, a feição original. Contudo, é importante afirmar que a estrutura e alguns elementos são os mesmo da obra anterior; o partido ornamental do interior ainda se mantém como antes, e demonstra o estilo do beato na gênese de sua formação.

Sobre essa edificação, Fontes (2011, p.126) assevera que a Igreja da Rainha dos Anjos pertencia à freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru de Cima e parece ter sido a primeira obra do beato cearense, realizada entre 1874 e 1876. Informa, ainda, que a capela antiga foi restaurada e a pequena localidade continua a existir e pertence ao mesmo município.

O *Diário da Bahia* datado de 27 de junho de 1876 (apud CALASANS, 1997, p.62) noticiando a prisão de Antônio Conselheiro, nesse mesmo ano, escreveu que ele, também, há reedificado templos como aconteceu com a capela da Rainha dos Anjos no Itapicuru e construção de cemitérios.

Conforme Silvio Romero (1879, p.6), nos seus *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*, aparecidos na Revista Brasileira, no ano de 1879, certamente baseando-se em informações adquiridas em Sergipe, refere-se à igreja que julgava fundada pelo anacoreta de Quixeramobim. Na sua fala, o autor diz sobre um indivíduo criminoso do Ceará que saiu a fazer penitência a seu modo e inaugurou prédicas públicas. No seu percurso, veio ter aos

sertões da Bahia e fundou a igreja em Rainha dos Anjos. Chamava-se Antônio e o povo o denominava – Antônio Conselheiro.

Todavia, coadunando com as declarações anteriores acerca do aparecimento do beato e sua construção inicial, também, Canário (2005, p.155) em sua obra chamada *Os mal aventurados do Belo Monte* assevera:

Prosseguiu executando o seu trabalho, erguendo e reformando igrejas e cemitérios, quando descobriu um lugar acolhedor. Caminhara por muitos meses e decidiu permanecer em Itapicuru, importante localidade perto da fronteira com Sergipe. Passados uns dias foi até Rainha dos Anjos, um povoado próximo, e começou a construir uma capela, atendendo pedido dos fiéis. Eram muitos os colaboradores, alguns vindos do Ceará, principalmente pedreiros e carpinteiros, cabendo aos mais novos o transporte de pedras e madeiras, como ajudantes obedientes. Todos os dias, na hora do Ângelus, reuniam-se junto à construção, onde rezavam as preces, Antônio falando aos obreiros, preparando-os para o dia do Juízo Final, dando-lhes conselhos, conhecido, desde então, como Antônio Conselheiro.

O povoado de Rainha dos Anjos parece ser o mesmo da época em que Conselheiro por lá construiu. A pequena comunidade que está localizada nos confins do Itapicuru parece não gostar do progresso, pois não há, ali: calçamento, telefonia móvel, etc.

Distante da sede, seus habitantes têm mais como referência a cidade sergipana de Tobias Barreto. No percurso até lá, tomando como ponto de partida, a cidade do Itapicuru, acha-se, na metade do caminho o pequeno destrito de Sambaiba. A estrada de chão batido e cascalho, que liga Sambaiba ao povoado, é extremamente ondulada, e em seus meandros a vegetação típica da caatinga orna suas margens. Noutros pontos, ou em cada curva, marcas da religiosidade popular se evidenciam: cruzeiros, capelas, túmulos e pequenos altares.

Ao bater nos pórticos da vila, a pequena capela é o ponto que mais chama a atenção do visitante. Nela já se faz notar uma estrutura de paredes espessas e pesadas; uma marca do beato recorrente nas construções posteriores. Saltam aos olhos outros elementos ainda presentes na construção, e que se repetiriam noutras obras do anacoreta. Dentre eles podemos citar os pares de contrafortes que aí estão presentes. (Imagem 120).

A fachada certamente apresentava-se com algumas volutas assimétricas e elementos fitomórficos decorando-a. Embora a atual seja menos ornamentada, ainda preserva alguns motivos decorativos no seu frontão triangular. (Imagem 121).

Um fato importante observado nessa construção, que apresenta a gênese do processo artístico e estilístico do Conselheiro, é a colocação da cruz defronte à capela.

Nesse, período o beato que peregrinava pelos sertões, não havia ainda se transformado no Conselheiro articulado e líder. Portanto, o cruzeiro colocado ai é simples, e está encimado numa base sem nenhum ornamento, não se configurando como um cruzeiro típico do beato.

Os grandes cruzeiros, com estrutura trabalhada e com o coreto do tipo “palanque” só aparecerão na década de oitenta do século dezenove.

O proto-estilo do Antônio Conselheiro, concebido ao gosto do povo do sertão, ocorreu, certamente, na capela da Rainha dos Anjos. Como o frontispício da obra foi modificado, impedindo-nos de uma análise mais sucinta, recorremo-nos ao único exemplar do profeta que mantém um diálogo com essa obra: a capela de Nossa Senhora da Conceição, construída no povoado de Curralinho, município de Poço Redondo – Sergipe (Imagens 126 e 127).

Por outro lado, o interior da edificação manteve seu partido ornamental preservado. A pequena obra apresenta uma única nave cujas paredes apresentam dois pares de portas laterais, um arco cruzeiro com arco abatido encimado por um símbolo em alto relevo e um pequeno altar esculpido em madeira.

O vocabulário da decoração interior é bastante simplificado, todavia, o trabalho em talha do altar-mor é um exemplar único; e, embora seja o modelo inicial, é rico em expressão popular e memória histórica dos tempos primevos do povo conselheirista. (Imagem 122).



Imagem 122: Altar-mor da capela da Rainha dos Anjos, Itapicuru – BA.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

O pequeno altar feito por artífices do séquito do beato, embora singelo, apresenta, também, elementos do vocabulário erudito. É um exemplar híbrido contendo pequenos dosséis, dois pares de colunas de influência coríntia, um oratório, figuras angélicas, e motivos vegetalizados. A mesa do altar possui forma trapezoidal e um inscrição cujo significado é o seguinte: Virgem Nossa Senhora Rainha dos Anjos.

Chama atenção, no altar, um conjunto de sete cabeças de querubins em tamanhos diferenciados; neles, notam-se variadas formas da expressão popular. É, talvez, um dos poucos exemplares onde evidenciamos a presença de esculturas com essa fisionomia. A imagem de São João Batista com o carneirinho de feições “primitivas” é uma peça de extraordinária beleza; está presa ao retábulo, ou seja, foi elaborada como continuidade do altar e que, provavelmente, fazia par com outra imagem, a qual não se encontra mais ali, pois foi substituída por uma de feição mais classicizante (Imagem 123).



Imagem 123: São João Batista do altar-mor da capela da Rainha dos Anjos.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

No coroamento do arco do altar chamam atenção alguns elementos decorativos; um ser angélico (querubim) de feição híbrida harmoniza-se com as pequenas volutas; e mais acima deste, motivos fitomórficos com desenhos de espirais roubam a cena; atestando que a predileção por motivos florais já se fazia presente no repertório do beato do Belo Monte desde a gênese de suas criações (Imagem 124).



Imagem 124: Anjo do coroamento do altar-mor da Capela da Rainha dos Anjos, Itapicuru – BA.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Contudo, a peça de valor inestimável para a população do povoado é a imagem presente no oratório do altar da capela. É uma obra de feição e características barrocas; a qual tem povoado o imaginário daquelas gentes (Imagem 125). Contou-nos a religiosa que guarda as chaves da igreja, dona Deildes, que esta imagem; a Nossa Senhora Rainha dos Anjos foi recentemente roubada do altar; provocando imensa tristeza na população. Mobilizados, puseram anúncios em diversos meios de comunicação; conseguindo encontrá-la na cidade de Feira de Santana.

Hoje, ela repousa no seu lugar de origem, mas encontra-se danificada pela ação dos vândalos. Os habitantes do lugar clamam às autoridades uma tomada de consciência no sentido de conseguirem uma restauração urgente para a peça, pois esta se encontra com a policromia extremamente danificada. Segundo a informante que cuida da igreja, a pintura da imagem foi retirada quando a roubaram, pois os praticantes dessa ação acreditavam que a peça fosse feita totalmente em ouro.



Imagem 125: Nossa Senhora Rainha dos Anjos, Itapicuru – BA.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

6.2 CURRALINHO, POÇO REDONDO – SE



Imagem 126: Capela de Nossa Senhora da Conceição, Curralinho – SE.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.



Imagem 127: Capela de Nossa Senhora da Conceição, Curralinho – SE.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

O povoado de Curralinho pertence ao município de Poço Redondo, Sergipe. Está localizado numa área de belezas naturais, às margens do Rio São Francisco. A vila fica próxima à Piranhas, AL e Canindé de São Francisco – SE. Foi criada em 1877 e era constituída por pescadores. É também um povoado que conta um pouco acerca da história do cangaço.

No pequeno vilarejo existem duas pequenas igrejas que mais se assemelham a capelinhas. A Matriz de Santo Antônio edificada no centro da vila, contempla do alto de suas escadarias o Rio São Francisco (Imagem 128). Esta é uma construção mais nova em relação ao outro edifício religioso.



Imagem 128: Capela de Santo Antônio, Curralinho – SE.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

A outra edificação, uma capela erguida no final da década de setenta do século XIX está encravada numa pequena elevação situada nos pórtilhos do vilarejo. Segundo afirmam os habitantes do lugar, foi Antônio Conselheiro quem erigiu a obra a pedido de um fazendeiro local (Imagem 129).

A obra não figura em nenhuma bibliografia. Configura-se como um achado valioso para as pesquisas referentes a Antônio Conselheiro e Canudos.



Imagem 129: Capela de Nossa Senhora da Conceição, Curralinho – SE.
Fonte: Everton Silva, 2011.

A primeira edificação que se avista mesmo antes de se chegar ao povoado é a capela de Nossa Senhora da Conceição. Está num sítio de rara beleza circundada de vegetação e cortado pelo São Francisco. À sua frente um cruzeiro em madeira assentado em uma base sem nenhum apuro formal comunica a simplicidade das construções do beato no início de suas trajetórias.

A tipologia da fachada é a única ainda existente, na modalidade capela, na qual podemos relacionar com a primeira construção do beato: A capela da Rinha dos Anjos. Ela pode ser considerada como uma das primeiras capelas do Conselheiro.

O frontispício desse edifício apresenta a linguagem típica do profeta. O belo frontão que assenta-se num cornija arqueada de feição barroca, está repleto de volutas e elementos fitomórficos. Os coruchéus e as pilastras aí presentes, num total de quatro, apresentam

elementos vegetalizados e intensa movimentação. Outros elementos da gramática conselheirista também se impõem: a cruz com resplendor assentada no topo da fachada, as flores que decoram as volutas e contornam a borda da sua portada, etc. traduzindo-se num estilo gracioso e elegante (Imagem 130).

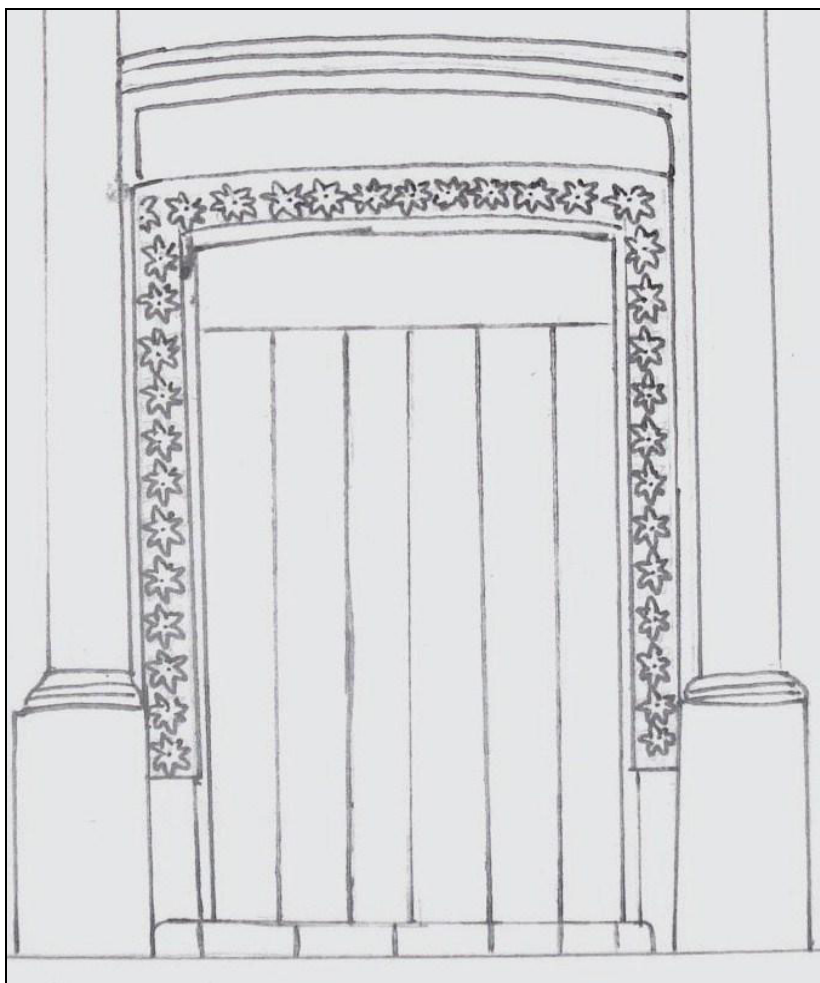


Imagem 130: Capela de Nossa Senhora da Conceição, Curralinho – SE (detalhe).
Fonte: Everton Silva, 2011.

6.3 ITAPICURU

O processo de conquista e de catequese, no território que faz parte o município de Itapicuru, deu-se desde o século XVII. Importante entreposto comercial e pólo de grande religiosidade do sertão, é sabido que sua área de abrangência política ia além dos limites estabelecidos. A igreja desta localidade; paróquia de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru de Cima, conforme assevera Mattoso (1992, p.303), teve origem em um oratório particular, construído em 1648 e elevado à categoria de igreja paroquial em 1680. Segundo suas informações, só houve oficialmente a nomeação de um pároco nessa localidade em 1700.

A porta de entrada do beato Antônio Vicente, na Bahia, foram as terras pertencentes ao município do Itapicuru. Nessa localidade, o peregrino engrossou as filas de seu séquito, fez amizades com autoridades locais, como, também, criou desafetos. No período que vai de 1874, quando do seu aparecimento, até o ano de 1876, Antônio Conselheiro peregrinava por essa região prestando assistência e edificando suas primeiras obras.

No ano de 1875, tem-se notícias do beato e seu povo reconstruindo o cemitério do município de Aporá. Segundo reza a tradição, nesse mesmo ano, Antônio Conselheiro procurou o sacerdote da freguesia, padre João Barbosa, oferecendo-se para terminar o cemitério local, que fora iniciado pelos padres lazaristas. Queria, todavia, autorização da igreja para pregar e rezar o terço, tendo então, os pedidos negados pelo vigário capitular. Inconformado, o beato se retira, não concluindo a obra já iniciada.

Nesse período, surgem variadas lendas e mitos sobre o místico profeta. Incomodados com sua presença, alguns jornais e autoridades contrárias a ele proclamam que este tinha assassinado a mãe e a esposa, e para redimir-se das culpas andava a peregrinar, a pedir esmolas e a edificar obras pias.

Em virtude desses boatos, em 6 de junho de 1876, na vila do Itapicuru, efetuou-se a prisão de Antônio Conselheiro. Na fala de Calasans (1997, p.38), Antônio não opôs qualquer resistência à ordem policial, nem permitiu que seus adeptos o fizessem. Juntamente com Paulo José da Rosa, que parece ter sido o primeiro apóstolo de seu grupo, Antônio Conselheiro foi recolhido à cadeia da vila, aguardando a força pedida para conduzi-lo a Salvador.

Na trajetória até a capital da Bahia, sofreu todo tipo de insulto e espancamento, chegando em Salvador em situação precária. Nesta cidade, foi motivo de zombaria e vítima

da curiosidade alheia. Interrogado, apenas respondeu que seu ofício era catar pedras pelos caminhos e levantar igrejas, tendo inclusive, já construído algumas na freguesia do Itapicuru.

Nesse mesmo ano é enviado à Fortaleza, onde, através de um ofício das autoridades baianas, solicita-se às do Ceará que averiguem o caso, e que em hipótese alguma deixem ele retornar novamente para as terras da Bahia. Provada a sua inocência, cumprindo o que tinha dito aos seus fieis, retornaria para o lugar onde fora preso, no período de um ano, como o estipulado.

Em 1877, em rota de peregrinação, encontra-se o beato incursionando pelas terras baianas do São Francisco, vindo do Ceará, e a partir daí retorna para o Itapicuru, iniciando novas obras. Nessa segunda fase de suas andanças, que vai até o ano de 1893, quando fixa-se em Canudos, Antônio Conselheiro percorreu uma longa faixa de terra do nordeste da Bahia, numa área que se estendia desde o Rio São Francisco até a cidade do Conde no litoral.

De 1877 a 1887 erra por aqueles sertões, em todos os sentidos, chegando mesmo até ao litoral, em Vila do Conde (1887). Em toda esta área não há, talvez, uma cidade ou povoado onde não tenha aparecido. Alagoinhas, Inhambupe, Bom Conselho, Jeremoabo, Cumbe, Mucambo, Maçacará, Pombal, Monte Santo, Tucano e outros viram-no chegar, acompanhado da farândola de fiéis. Em quase todas deixava um traço da passagem: aqui um cemitério arruinado, de muros reconstruídos; além uma igreja renovada; adiante uma capela que se erguia, elegante sempre. A sua entrada nos povoados, seguido pela multidão contrita, em silêncio, alevantando imagens, cruzeiros e bandeiras do Divino, era solene e impressionadora. Paralisavam-se as ocupações normais. Ermavam-se as oficinas e as culturas. A população convergia para a vila onde, em compensação, avultava o movimento das feiras; e durante alguns dias, eclipsando as autoridades locais, o penitente errante e humilde monopolizava o mando, fazia-se autoridade única. Erguiam-se na praça, revestidas de folhagens, as latadas, onde à tarde entoavam, os devotos, terços e ladainhas; e quando era grande a concorrência, improvisava-se um palanque ao lado do barracão da feira, no centro do largo, para que a palavra do profeta pudesse irradiar para todos os pontos e edificar todos os crentes. (CUNHA, 2002, p.158-160)

Com a chegada do beato, contado um ano desde que foi preso, em Itapicuru, sua fama cresceu pelos sertões. Nesse momento, começa uma nova construção: o cemitério de Itapicuru.

Conforme assevera Calasans (1997, p.63-64), quando do retorno à Bahia, Antônio Conselheiro ajudou o vigário Agripino Borges na construção do muro do cemitério de Itapicuru. Ainda de acordo com o autor, membro do Partido Liberal, o pároco combatia os conservadores, chefiados pelo Barão de Jeremoabo, indivíduo de grande influência local. O barão, segundo consta em declarações de seu próprio punho, não via com bons olhos o

Conselheiro, já seu adversário político, o padre Agripino, tudo fazia para manter as boas relações com o construtor de igrejas que se tornou seu amigo.

O cemitério erguido por Antônio Conselheiro, nessa freguesia, já apresentava características que se processariam na arquitetura cemiterial seguinte: paredes baixas, e espessas medindo cerca de 1.50 de altura por 0.50 de espessura, utilização de coruchéus enquanto elemento decorativo etc. (Imagem 131).

Por outro lado é um modelo atípico, pois nele presencia-se uma capela lateral, situada à esquerda e agregada ao frontispício do cemitério. Em ambas as fachadas utilizou-se linhas retas e curvas conferindo, dessa forma, uma certa movimentação e leveza ao monumento (Imagens 132 e 133).



Imagem 131: Cemitério do Itapicuru – BA.
Fonte: Antônio Olavo, 1987.



Imagem 132: Cemitério do Itapicuru – BA.
Fonte: Everton Silva, 2011.



Imagem 133: Cemitério do Itapicuru – BA.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Já a igreja dessa freguesia, cujo orago é Nossa Senhora de Nazaré, embora seja datada a sua construção como sendo do século XVII, é de comum acordo, na cidade, que o Antônio Conselheiro, a partir do final da década de setenta do século XIX, tenha feito, nesse templo, reparos.

As reformas ocorridas nessa obra atestam os estilos do beato, típicos dessa região foteiriça à Sergipe: o neogótico e o neoclássico. Nela, a torre central deslocada da fachada, de uso recorrente nas edificações religiosas do Ceará, também se verificará em outras obras de sua autoria: Igreja de São João Batista de Olindina e Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Nova Soure, cidades vizinhas ao município de Itapicuru.

Além da torre, chama a atenção o tratamento dado ao frontão e os elementos fitomórficos que se misturam a estrutura recortada dos detalhes. Embora modificada recentemente, devido ao uso de azulejos e gradis modernos, a fachada e as laterais do templo ainda reverberam a presença do beato. Já o cruzeiro, que aí se sobrepõe, foi totalmente reformulado, não apresentando absolutamente nada do anterior (Imagens 134 e 135).

Contudo, o que mais se preserva nesse edifício é o conjunto ornamental interior. O conjunto de talha dos altares colaterais e altar-mor, certamente produzido pelo Mestre Faustino, ainda está ali como nos tempos pregressos. Embora a pintura tenha sido danificada devido às tentativas mal-sucedidas de leigos, o seu repertório ornamental ainda se encontra bastante preservado. É, certamente, a tipologia que mais dialoga com o partido ornamental da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.